

HOMENAGEM

V ENLETRARTE INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE

Saudação a Renato Aquino
Por Arlete Parrilha Sendra

Em 19 de outubro de 2011

LEMRADOS DE LEMBRANÇAS das lembranças lembradas

Todos sabemos que o homem é um ser plural e nele convivem o querer, o poder e o saber, forças motrizes que acionam a vida. Como se um triângulo formasse, no vértice de maior potencialidade, ora está o poder, ora este vértice é ocupado pelo saber, e ora pelo querer e depende do homem o como usar estas forças, como articulá-las no exercício do viver.

Sob o comando do querer, o homem vai ao mundo, aciona suas forças, acopla-as às suas forças pessoais e, enfrentando tensões, superando obstáculos, muitas vezes voltando sob e sobre suas próprias pegadas, refaz rotas e enquanto aguarda a passagem de imprevisíveis eolos retoma seu projeto de vida. Esses homens mimetizam o movimento do mar, cujas águas recuam, tomam distância e retornam.

Quando é o poder que está no vértice potencializador deste triângulo virtual, o homem se dá inteiramente a conhecer. Alguns sob a égide de Tanatos se lançam, sem pudor, à conquista obsessiva de novos territórios e tudo e todos se tornam objeto de posse e de domínio. E expulsam desse tempo de poder qualquer resquício de sensibilidade e de emoção. Estes vivem como se tumanis



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



fossem. Outros veem, neste momento, a possibilidade da construção de um novo tempo. Acreditam que esse momento pelo qual respondem e responderão nesse aqui e agora, e sempre, por circuitos novos e inesperados, podem ser repensados e o curso da história pode ser humanizado. Para estes, a história desenha um movimento helicoidal, e ainda que a vida conte histórias sempre iguais, sabem que o final pode ser diferente. Estes são homens solares e a cada dia, em estado de luminosidade, reafirmam seu compromisso estético com Deus, e seu compromisso ético com a vida, com o próximo e consigo mesmos.

Quando norteados pelo saber, o homem transcende o logos e ao nepotismo do racional, opõe outras vozes, imerge à procura de novos mundos, dialoga com faculdades adormecidas, com os mais profundos estratos de sua consciência de ser e do ser. E seu saber, que transita entre silêncios e palavras, penetra nos mais altos planos do pensamento e nele se instala, repleto de significações, inesgotável de sentidos. É somente sob a luz de uma consciência de saber, que o homem deixa de ser apenas um animal racional, um mamífero e um carnívoro vertical e se faz um ser racional, sensível e afetivo.

É vendo-o sob estes três aspectos – querer, poder e saber - que quero falar a Você, Renato, seguindo as marcas que Você deixou e deixa em seu caminhar e, obviamente, pelos signos por mim apreendidos e como eu os soube ler. Ora vendo-o pelas sombras que Você projetou, pelas estradas que Você abriu, ora pelos traços ideológicos que tornam público o endereço do homem.

Lembro-me de sua chegada à Escola na condição de diretor. Era 1967. E era março. Mês que traz águas em seu nome, águas de mar, águas primaveris, correntes, profundas, doces, violentas, às vezes. Você chegava e trazia em seu currículo, a credibilidade social. Academicamente, trazia o curso de arquitetura pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. E trazia os ideais de seus 29 anos e estes Você os colocou a serviço da Escola. Aqui Você iria viver, simultaneamente, dois tempos: um sonhado e o outro, marcado por inquietudes, pela intolerância de um poder sem pudor, marca dos governos autoritários que enrubesceram a face de nossa pátria.

Aqui, entretanto, Renato, sua sensibilidade, seu jeito ético de ser minimizavam os desmandos das federais esferas superiores do poder. E porque



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



Você soube minimizar aquele momento, Você se deixou inscrito na história desta Casa. E Você pode ler, sem enrubescer, sua ego-história.

Hoje, à distância, mas não distante, conhecendo-o um pouco mais pelos signos que Você deixa em seu caminhar - como se herança fossem e são -, imagino o quanto alguns momentos devem ter sido difíceis para Você.

Com sua chegada, nesta Casa, as ciências do homem começaram a ganhar expressão. Os obscuros labirintos em que se enredava nosso país, suas impenetráveis entranhas, eram aqui traduzidos em formas de convivência, impedindo que nossa Escola mimetizasse o poder perverso que impunha a todos os brasileiros o mais absurdo e desumano silenciamento.

Como se um DVD estivesse em minha mente, e eu o ligasse, eu me lembro de sua ousadia ao decidir a vinda da Escola que então funcionava na rua Formosa, onde é hoje a Faculdade de Direito e que, então, nos abrigava, para este prédio, em construção.

Cito Você, em entrevista a nossa colega Cristina Lima, em entrevista para televisão:

(Um grande desafio foi) “A construção, no sentido físico e pedagógico da Escola Técnica Federal de Campos, elevada em sete anos e tanto, de unidade excluída do projeto MEC para melhoramento e equipamento das Escolas Técnicas Federais, à posição de terceira Escola do país, pela qualidade do ensino e das instalações. Eu tinha 29 anos quando lá comecei.

Lembro-me das salas de aula com piso de terra batida. Lembro-me dos espaços abertos que um dia seriam janelas e das tardes de chuva, que encharcavam nossas aulas. Lembro-me das tábuas colocadas sobre as poças d'água para que nos enlameássemos menos. Lembro-me das trilhas e trilhos abertos pelas passos de nossos alunos e por passos nossos. Na rua que seria a dr Siqueira, “caminhos não existiam, caminhos eram feitos ao caminhar”, estou me remetendo a Antonio Machado e a José de Alencar, porque em ambos



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



encontramos essa filosofia do viver. E me lembro dentre outros muitos colegas, de Dulce Freitas, Rui Pinheiro, Júlia Codeço, Magda Medrado, José Luís Glória, Boticelli, Oswaldo Martins, cuja senha “tem pastel” nos levava à cantina e à leitura dos artigos desafiadores e contestadores do Alceu de Amoroso Lima. Este grupo prefaciou com Você a história deste amanhã que é o IFF, Instituto Federal Fluminense, hoje.

Sua administração foi marcada por uma razão ora integradora, que congregava a paixão pelo realizar; ora por uma razão circunstancial que, em falsa passividade, aguardava a hora de avançar; ora por uma razão poética que vislumbrava amanhã ocultos a todos, mas que seus olhos, mesmo sem as ver, contemplavam.

Havia em Você um obstinado querer. E Você tinha pressa. Aliás, era um querer superlativo. Era um desejar. E desejo é uma palavra alquímica. Não sei quais elementos químicos entram em sua composição. sua composição. Mas eu conheço sua etimologia. Vem do radical latino *sidera*, ae, estrelas para os romanos, radical precedido do prefixo *de* que nos remete ao movimento de cima para baixo. Então, desejos são estrelas, são luzes que descem a nós, metaforizadas em sonhos e ideais. Só nossos desejos assistem às secretas transmutações de nossas lágrimas invisíveis em visíveis risos e sorrisos. O homem que deseja abre as portas de sua interioridade para as forças cósmicas que movem o mundo. Eu penso, Renato, que os fracos querem. Os fortes desejam.

Tendo em seu passaporte o saber, Você corria o mundo.

Em 1969, representou o Brasil no curso para Administradores Educacionais da Universidade de Michigan/ Estados Unidos.

Em 1973 está na Espanha, na Inglaterra, Alemanha e Suíça, como Observador dos Estados Americanos para sistemas de ensino técnico e formação profissional, também como representante do Brasil. .

Hoje eu lhe conto que enquanto Você viajava, a Escola, todos professores, alunos e funcionários, rasgávamos as partituras históricas daquele momento e esculpávamos nas paredes desta Casa, com tintas de nosso imaginário, o sonho de um Brasil livre e antecipávamos a festa do amanhã, que o real vivido



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



naquele momento não consentia.

Não quero trazer para este momento minha coleção de memórias. Mas o passado é repleto de vozes que nos chamam e se querem ouvidas. Você mesmo diz em “segundo poema de inverno, (1971), segunda estrofe:

.....
*palavras que não ousamos,
ternura que não mostramos,
bens que não pressentimos
tudo no tempo guardado*

Em Você vibravam as cordas do saber, terceira força motriz de nosso triângulo virtual. E rebobinando a história que aqui, então, se escrevia, vejo que o pensamento extrapola os limites da razão e não pode ser medido apenas em termos pragmáticos de eficiência, porque em sua gênese está o espírito humano, estão o sensível, o inconsciente e o emocional.

Em “Luz ausente” (1968) soneto à memória de seu pai, os tercetos dizem:

*Se minha voz der lei à rosa e ao vento
E impuser servidão às claras águas,
Tudo ainda estará de luz ausente.*

*Eu também estarei como se ausente
Nesses campos sem hoje, sem agora,
Pelo fogo do tempo calcinados.*

Pela linguagem expressa, seu poema nos diz que a partir de aquele momento alfa, o mundo não seria mais o mesmo para Você, porque: “tudo ainda estará de luz ausente”. E na memória do tempo estará tatuada para sempre a grande verdade: a morte não é transitória. Ela esculpe no homem o signo de sua efemeridade e deixa na vida um impenetrável vazio.

Em “Nesses campos sem hoje, nem agora”, segundo verso do segundo



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



Secretaria de Educação
Profissional e Tecnológica



Ministério
da Educação



BRASIL
2013-2014

terceto, as palavras, invasoras, penetraram na intimidade do seu ser, em sua intimidade espiritual e revelaram fragmentos de seu jeito de viver a dor.

Retomo fragmento de suas palavras em crônica escrita para o centenário do Liceu de Humanidades de Campos, em 22 de novembro de 1980 e as transporto para seu tempo nesta Escola, como diretor de 1967 a 1974. E como professor de Desenho de Arquitetura no curso Técnico de Edificações de 1976 a 1992:

Tanto nos ensinaste, tanto em ti aprendemos! Mais que textos e fórmulas, vida foi a matéria maior. Vida com suas doçuras e arestas, com altitudes e pântanos, com lealdades e máscaras. Amálgama onde coexistem “os grandes sonhos dos homens e a surda força dos vermes”.

Eu teria muito de seus textos verbais a comentar. Mas há sobre nós, determinando nossas ações aqui, agora e sempre a força do tempo.

Assim, leio dois poemas pictóricos seus, e os leio sem nenhuma preocupação de filiá-los a escolas, a estilos e a épocas. Vou lê-los segundo o código da emoção que em mim despertaram. E como penso que eles rimam com o segundo movimento de Aranjuez, de Joaquim Rodrigo, eu trouxe ambos

“Outono” (1981), poema da quietude que envolve uma certa nostalgia, essa dor de viver que está presente na essência estética do ser e do viver do ser, e faz irromper uma ilogicidade só encontrável na lógica do transviver. “Outono” convida o leitor-receptor a penetrar na intimidade do texto e nele se alimenta nossa espiritualidade.

Eu sei, por aprendizagens autodidatas, que a fruição estética está além do humano, do demasiado humano, e que outros são os olhos no contemplar da arte. Entretanto, quero sentir a arte pelas ressonâncias que provocam em minha alma.

“Outono”, para mim, é arte em transcendência. E sua suave delicadeza convida a intimidades. “Outono” quer mais do que ser contemplado, quer ser vivido. E se nos passa o sentimento de transitoriedade, paradoxalmente, nos



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



envolve em permanência.

Luzes e sombras, em cromatismo, nos remetem a diálogos com a realidade. Vejo em “Outono” uma poesia feita de traços e cores pensantes, vejo a expressão de um ego liberto das coerções sociais. A poesia não se pretende biográfica, entretanto ela é reveladora da leitura que o homem faz do entorno de seu mundo, ou seja, ela mostra o mundo que nosso olhar estético apreende.

Eu disse que leria dois poemas pictóricos de Renato Aquino. O segundo faz parte da série “Condição Humana”, da qual constam A FOME, A MORTE e A ORAÇÃO.

Escolhi “A Fome”, que nos remete à dor. E hoje é metonímia do mundo. E ela é criação e invenção do homem. Há um bilhão de pessoas, segundo o sociólogo Melhem, passando fome.

Qualquer que seja a leitura que os signos indiciais e icônicos nos levem a fazer deste texto, o desespero do homem com fome, seu destino trágico está documentado pelo olhar humanizante da arte. Nos territórios da fome as cores se descolorem. E o silêncio no silêncio grita. Grita em silêncio por puro pudor. O homem está em agonia e, paradoxalmente, sem instrumentos para lutar. Para os gregos agon é luta, mas luta entre iguais. Na fome não há luta porque a derrota já está inscrita na etnia da pele.

A arte, aqui, eu vejo como denúncia. Como uma voz que acusa. E não vejo musas, nem ninfas, nem nereidas inspirando o pintor. Vejo a percepção da mais cruel desumanização. Você, Renato, foi à realidade. E ela lhe mostrou que arte e vida, em sussurros, dialogam. E que a homicidade presente no homem, desfaz fronteiras e faz com que ele, homem, assuma sua parceria com Deus nas relações com o Universo.

E para concluir, em respeito ao tempo que me foi dado, lhes digo que fui e sou testemunha presencial desta história que lhes contei. E assim, assino estes “Lembrados de lembranças das lembranças lembradas.

Parabéns, Renato Marion Martins de Aquino.



AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

PROGRAMAÇÃO GERAL

HOMENAGEM

MINICURSOS

CONFERÊNCIAS

COMUNICAÇÕES

ÍNDICE ONOMÁSTICO

CRÉDITOS



Secretaria de Educação
Profissional e Tecnológica



Ministério
da Educação



BRASIL
2014-2015